

Entre o individualismo metodológico e a racionalidade neoliberal: notas a partir da obra de Alfred Schutz

Between methodological individualism and neoliberal rationality: notes based on the work of Alfred Schutz

Pedro Camargos¹
pedro.camargos@usp.br

Resumo

O artigo apresenta uma análise de elementos centrais da teoria fenomenológica de Alfred Schutz, com o objetivo de investigar as convergências entre a sua teoria social com as ideias da escola austríaca de economia do século XX, que constituíram parte significativa das bases intelectuais da chamada "racionalidade neoliberal". Partindo das notórias conexões pessoais e acadêmicas de Schutz com dois dos autores mais influentes desta corrente de pensamento – Friedrich Hayek e Ludwig Von Mises –, o artigo busca contribuir com as discussões em teoria social que sugerem possíveis convergências entre a prevalência do chamado "individualismo metodológico" em análises teóricas à ascensão majoritária de visões de mundo ligadas a economia de mercado e que apontariam para uma substituição de análises focadas em problemas sociais como questões "estruturais" ou "sistêmicas" por abordagens focadas excessivamente em ações individuais. Para isso, o artigo apoia-se na estratégia de análise genealógica de Michel Foucault – especificamente em sua aplicação para a compreensão do neoliberalismo como uma racionalidade –, de modo que apresenta uma revisão bibliográfica e uma análise de redes sociais que fornecem as bases tanto para a discussão específica sobre o papel de Schutz na "história das ideias" do neoliberalismo quanto para a discussão mais ampla sobre o individualismo metodológico na Sociologia.

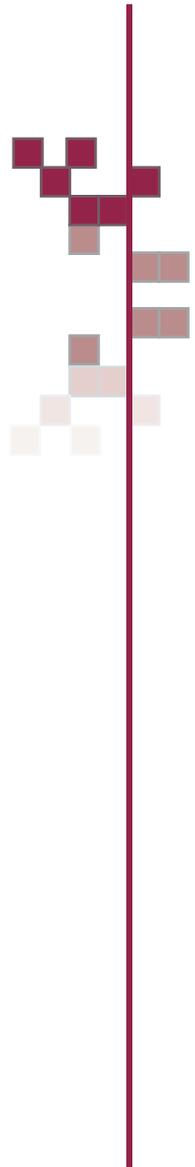
Palavras-chave: Alfred Schutz; Racionalidade Neoliberal; Teoria Social; Individualismo Metodológico

Abstract

The article presents an analysis of central elements of Alfred Schutz's phenomenological theory, with the aim of investigating the convergences between his social theory and the ideas of the twentieth-century Austrian school of economics, which formed a significant part of the intellectual basis of the "neoliberal rationality". Starting from Schutz's notorious personal and academic connections with two of the most influential authors of this school of thought – Friedrich Hayek and Ludwig Von Mises – the article seeks to contribute to discussions in social theory that suggest possible convergences between the prevalence of "methodological individualism" in theoretical analyses and the ascension of worldviews linked to market economics and that would point to a replacement of analyses focused on social problems as "structural" or "systemic" issues by approaches focused excessively on individual actions. To this end, the article draws on Michel Foucault's strategy of genealogical analysis, specifically in its application to understanding neoliberalism as a rationality. It presents a literature review and social network analysis that provide the basis for both the specific discussion of Schutz's role in the "history of ideas" of neoliberalism and the broader discussion of methodological individualism in Sociology.

Keywords: Alfred Schutz; Neoliberal Rationality; Social Theory; Methodological Individualism

1 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo e pesquisador no grupo Teoria dos sistemas e crítica social (FFLCH/USP).



Introdução

O presente artigo realiza uma análise de elementos centrais da teoria fenomenológica de Alfred Schutz² (1976, 1996, 2012, 2018), com o objetivo de investigar as possíveis convergências de suas proposições sobre teoria social, sobre a ação individual e sobre as interações humanas com as bases intelectuais que constituíram a chamada "racionalidade neoliberal" (Dardot e Laval, 2016; Foucault, 2010) – especificamente, com as ideias da escola austríaca de economia, uma das mais influentes correntes do pensamento neoliberal no século XX (Brown, 2019). Apoiando-se na estratégia de análise genealógica de Michel Foucault (2010; Laval, 2020) – e, em especial, sua aplicação para a compreensão do neoliberalismo –, o presente trabalho apresenta uma breve análise de redes sociais e uma revisão bibliográfica que pretendem fornecer bases para uma discussão sobre possível papel de Schutz na "história das ideias" da compreensão neoliberal de sociedade, bem como para os questionamentos dos possíveis efeitos de sua influência na teoria social de modo mais amplo – sem pretender, contudo, esgotar todas as nuances da questão.

A investigação tem dois pontos de partida, conectados entre si. De um lado, leva-se em consideração as "conexões austríacas" (Kurrild-Kiltgaard, 2003) de Schutz, cuja trajetória pessoal e intelectual foi marcada por uma influência recíproca com alguns dos economistas neoliberais mais famosos, como Friedrich Von Hayek e Ludwig Von Mises (Kurrild-Kiltgaard, 2003; Santos, 2018; Schutz, 1996) – com quem Schutz partilhou ideias, discussões teóricas e preocupações

metodológicas, sobretudo em relação aos temas da "ação humana" (Mises, 2010; Schutz, 2018, 1996) e dos "estoques de conhecimento" (Hayek, 2015; Schutz, 1996, 2012). Para Schutz, cumpre notar, a Sociologia deveria a Mises "muitas de suas contribuições básicas" (Schutz, 1996, p. 86, grifos nossos)

De outro, parte das críticas que apontam, por variados caminhos, as possíveis convergências entre a prevalência do chamado "individualismo metodológico" nas análises de teoria social à ascensão majoritária de visões de mundo ligadas a economia de mercado e que apontam para uma substituição de análises focadas em problemas sociais como questões estruturais ou sistêmicas por visões que abordam tais questões a partir de um foco excessivo nas ações individuais (Bourdieu, 2005; Brown, 2019; Vandenberghe, 2012).

Para atingir os objetivos propostos, o artigo trilha o seguinte caminho: em primeiro, (i) são apresentadas algumas breves considerações sobre a trajetória do debate mais amplo em teoria social entre "ação" e "estrutura" ao longo do século XX e suas reverberações contemporâneas, bem como são apontadas as possíveis conexões entre a ascensão majoritária de visões ligadas a um individualismo metodológico e ontológico radical com a construção intelectual de uma "racionalidade neoliberal". A partir destes fundamentos, passa-se, (ii) à análise das conexões pessoais e intelectuais de Alfred Schutz com os círculos de Viena ligados à teorização do neoliberalismo, para, a partir disso, (iii) adentrar no estudo das relações e influências recíprocas entre as elaborações teóricas do autor e as ideias dos autores mais influentes da chamada "escola

2 Nascido na Áustria, em 1899, Schutz estudou Direito na Universidade de Viena e desenvolveu sua carreira acadêmica em paralelo com trabalhos de prestígio em instituições financeiras. No início da década de 1930, diante da ascensão do nazismo, precisou fugir de seu país em exílio. Estabeleceu-se nos Estados Unidos, onde pôde continuar suas duas carreiras. Com a mudança, alterou a grafia original do seu sobrenome (Schütz) para retirar a trema. Em vida, publicou apenas um livro, *A construção significativa do mundo social* (Schutz, 2018 [1932]) e artigos em periódicos. Após sua morte, diversas coletâneas com textos inéditos foram editadas.

austriaca de economia". Com base na análise realizada, (iv) explora-se as possíveis conexões de Schutz com a construção da "racionalidade neoliberal", e, por fim, (v) são traçadas algumas considerações finais.

Schutz, individualismo metodológico e a atualidade do debate

Conforme sustenta Jeffrey Alexander (1987a, 1987b), em sua notória análise sobre o então "novo movimento teórico", a dicotomia entre "ação" e "estrutura" foi uma das principais marcas das discussões sobre Teoria Social ao longo de todo o século XX. Para o autor, o debate ganhou centralidade a partir das distintas reações ao estrutural-funcionalismo de Talcott Parsons, cuja obra *A estrutura da ação social* (2010), originalmente publicada em 1937, apresentou um notável esforço teórico de síntese entre as duas formas de abordagem.

Apesar da tentativa de Parsons de "reconciliar" os dois âmbitos de enfoque teórico, a reação a sua obra caminhou no sentido inverso. Diante das intensas transformações sociais e do pessimismo crescente que marcaram o mundo no período do pós-guerra, emergiram na teoria sociológica duas correntes de pensamento que, por caminhos opostos, posicionaram-se "contra a síntese parsoniana" (Alexander, 1987b, p. 109). Por um lado, "surgiram escolas radicais e estimulantes de microteorização, acentuando o caráter contingente da ordem social e a centralidade da negociação individual" (Alexander, 1987a, p. 1) – o chamado "individualismo metodológico"; por outro, "desenvolveram-se vigorosas escolas de macroteorização, enfatizando o papel de estruturas coercitivas

na determinação do comportamento individual e coletivo" (Alexander, 1987a, p. 1) – o "holismo metodológico".

A formulação do pensamento social fenomenológico – que tem Schutz como um de seus principais expoentes – aparece, para Alexander (1987b), como parte deste movimento de reação, representando uma das mais influentes correntes do chamado "individualismo metodológico", ou seja, da visão teórica de que "todos os fenômenos sociais – sua estrutura e sua mudança – são, em princípio, explicáveis em termos que somente envolvem indivíduos" (Elster, 1985, p. 5; Ratton, 2017), em especial, pela agência individual. De fato, a influência da obra de Schutz nas discussões sobre teoria social ocorreu, em maior escala, neste contexto mais amplo da reação "microsociológica" à Parsons. No entanto, ele escreveu e publicou a maior parte de sua obra antes de *A estrutura da ação social* (Parsons, 2010) e, como será apresentado adiante, foi um outro ambiente, bastante específico, que o inspirou a adentrar no debate entre "ação" e "estrutura".

Essa posição singular do autor, contudo, não muda o fato de que, como sustenta Peters (2020), a fenomenologia interpretativa de Schutz exerceu impacto decisivo na "virada praxiológica" que marcou as ciências sociais na segunda metade do século XX. Sua leitura trouxe contribuições tanto para análises teóricas com enfoque primordial na ação individual, como as de Garfinkel (2018), Goldthorpe (2007) Collins (2005), quanto para aquelas análises que buscaram novas formas de síntese entre "ação" e "estrutura" – precisamente, aquelas que compõem o "novo movimento teórico" apontado por Alexander (1987a), como as teorias de Bourdieu (2009), Habermas (2009) e Giddens (1991).

Estes diferentes pontos de influência indicam que apesar dos diversos esforços de síntese – ou, talvez, também por causa deles –, o debate entre abordagens de enfoque holista/sistêmico e leituras de enfoque individualista permanece como um dos temas centrais nas discussões teóricas da atualidade. Ainda que parte significativa dos autores da teoria social contemporânea busque, de alguma forma, conciliar os dois planos, há pouco consenso sobre em qual deles deve recair o foco primário e sobre as formas de estabelecer a ligação entre "micro" e "macro".

Seguindo a leitura de Vandenberghe (2012) – em linha com as proposições de Bourdieu (2005), Brown (2019), entre outros – este debate foi influenciado, também, pelo conjunto de transformações verificadas no estágio atual da modernidade. Para o autor, foi, precisamente, a emergência de um contexto no qual "os princípios do mercado foram introduzidos em todas as esferas da vida" (Vandenberghe, 2012, p. 35) que fez com que as próprias ideias de "teorias sistemáticas" sobre a sociedade passassem a ser severamente questionadas. O fim do século XX tornou-se, portanto, também o momento de "fim de uma época, o fim das grandes narrativas, o fim da sociedade" (Vandenberghe, 2012, p. 35)

Utilizando os termos propostos por Foucault (2010), esse movimento descrito por Vandenberghe (2012) pode ser compreendido como parte da emergência de uma racionalidade neoliberal, entendida como uma espécie de "sistema normativo" de orientação das condutas de si e dos outros – baseado na lógica do individualismo e da competição econômica – que se espalhou pelo mundo a partir do último quarto do século XX. Essa racionalidade, "ao conectar a mente

ao mercado, (...) colonizou a consciência" (Vandenberghe, 2012, p. 36) e passou a produzir novos sujeitos e subjetividades, assim como a produzir efeitos significativos na própria teorização social e sociológica.

Uma construção significativa do mundo neoliberal?

Alfred Schutz e as conexões austríacas

Diante da influência de Schutz para a chamada "virada praxiológica" (Peters, 2020) na Sociologia, a investigação de suas proposições teóricas, portanto, aparece como um ponto focal relevante para as discussões mais amplas propostas neste artigo. Dessa forma, em primeiro lugar, mostra-se necessário contextualizar o ambiente intelectual em que Schutz produziu suas contribuições à teoria social, de modo a indicar quais foram as influências que o levaram ao debate sobre "ação" e "estrutura", e, especificamente, analisar como as preocupações e discussões da chamada "escola austríaca de economia" forneceram algumas das bases centrais para seus escritos.

As conexões pessoais de Alfred Schutz com os economistas desta escola austríaca – e, em especial, com as duas de suas figuras mais notórias, Ludwig von Mises e Friderich Hayek – são amplamente documentadas (Pendergast, 1986; Wagner, 1983). Após conhecerem-se na Universidade de Viena – onde Schutz e Hayek foram colegas de turma, enquanto Mises ocupava um cargo de professor substituto –, os três desenvolveram uma relação de amizade e de trocas intelectuais que se estendeu destes primeiros anos de estudo universitários

na Áustria até a mudança dos três para os Estados Unidos.

Os maiores pontos de contato ocorreram durante a participação de Schutz e Hayek no *Privatseminar* ("Seminário Privado"), um restrito grupo de estudos multidisciplinar fundado e conduzido por Mises, que tinha como eixo central "o interesse ardente [de seus participantes] em todo o campo das ciências da ação humana, [incluindo] problemas de Filosofia, Epistemologia, Teoria Econômica e os vários ramos da pesquisa histórica" (Mises *in* Prendergast, 1986, p. 6). De acordo com os registros, Schutz foi um membro ativo do grupo – em que conduziu aulas e exposições, bem como discutiu diversos temas que tornaram-se centrais para a sua obra (Schutz, 1996) – por cerca de 14 anos, de 1920 a 1934 (Wagner, 1983). A participação intensa no Seminário fez Schutz tornar-se, em suas palavras, um "bom amigo" (*in* Greaves, 2011)³ e "um dos mais próximos dentre aqueles de sua geração" (Kurrild-Klitgaard, 2003, p. 50) de Mises. De acordo com Schutz (*in* Greaves, 2011), foi Mises quem o auxiliou a conseguir seu primeiro emprego no setor bancário, e suas famílias representaram importantes pontos de apoio mútuo no período em que viveram em Nova Iorque.

Os anos na Universidade e a participação no *Privatseminar* também aproximaram Schutz de Hayek. Para além do contato nas aulas e no grupo supramencionado, Schutz foi membro de outro notável círculo acadêmico de Viena, os *Geistkreis* (ou, "Círculo dos Espíritos"), grupo de jovens estudantes homens⁴ fundado por Hayek que, além de promover discussões sobre temas semelhantes àqueles tratados nos estudos

com Mises, abordava assuntos mais amplos como política, religião e arte. A proximidade com Hayek fez Schutz ser um dos convidados, em 1938, do *Colóquio Walter Lippmann*, um encontro internacional realizado em Paris que juntou sobretudo teóricos das correntes liberais da economia, e que é apontado por uma série de autores como o "momento fundador do neoliberalismo" (Dardot e Laval, 2016, p. 71).

No Colóquio, como mostram Dardot e Laval (2016), apesar das divergências entre as posições, estabeleceram-se diversas das ideias centrais que se desenvolveriam nas correntes neoliberais. Um dos desdobramentos do Colóquio foi a fundação, em 1947, da *Sociedade Mont-Pèlerin*, um *think tank* neoliberal do qual Schutz também fez parte, e que teve papel relevante na disseminação política dos ideais neoliberais em governos como os de Ronald Reagan nos EUA, de Margaret Thatcher na Inglaterra e da ditadura de Augusto Pinochet no Chile (Mirowski e Plehwe, 2009), que impuseram severas violências contra as populações pobres daqueles países (Klein, 2008).

Apesar das notáveis relações de amizade pessoal e das diversas trocas intelectuais registradas entre os três autores em questão, é recorrente a leitura, sustentada principalmente por Helmut Wagner (1983, 1996), de que as influências desta geração da escola austríaca de economia no pensamento de Schutz seriam apenas periféricas, de modo que, nesta perspectiva, Schutz não compartilharia da visão de mundo, política, economia e ciências sociais de seus pares vienenses. De fato, em parte significativa das análises da obra de Schutz provenientes da Sociologia, a influência de sua relação com Mises é ignorada ou relegada

3 O texto em referência, aqui, é o relato feito por Bettina Bien Greaves de uma entrevista realizada com Alfred Schutz sobre Ludwig Von Mises em Nova Iorque, em 1958, e que foi publicada em inglês em 2011.

4 O grupo, que além de Schutz e Hayek teve como membros Herbert Fürth, Friedrich Engel-Janosi, Gottfried Haberler, Fritz Machlup, Oskar Morgenstern, Felix Kaufmann e Karl Menger abertamente excluía a participação de mulheres (Beddeleem, 2020).

a breve referências ou notas de rodapé (como em Santos, 2018; Peters, 2011), enquanto as influências do pensamento de Edmund Husserl – com quem também manteve notável relação pessoal e intelectual – e de Max Weber ganham espaço central.

No entanto, existe uma segunda leitura possível, que emerge tanto de análises críticas do neoliberalismo (como em Beddeleem, 2020; Schulz-Forberg, 2020; Plehwe, 2008) – ao lado das quais este trabalho se posiciona – quanto de estudos de teóricos simpáticos à tradição econômica austríaca (como em Augier, 1999; Kurrild-Klitgaard, 2003; Koppl e Augier, 2011)⁵. Tais análises, por caminhos distintos, apontam o papel decisivo da influência de Mises e Hayek nas ideias de Schutz (e vice-e-versa), assim como destacam uma série de convergências metodológicas e teóricas entre sua teoria e a visão dos demais membros do "Círculo de Viena".

De fato, todas as conexões apresentadas até aqui fornecem pistas relevantes para sustentar a segunda leitura. Como destaca Kurrild-Klitgaard, o *Privatseminar* de Mises "consistia em uma coleção de pessoas que, simultaneamente, estavam entre os amigos pessoais mais próximos e, dado que ele não tinha uma posição docente, o mais perto que ele teve de colegas acadêmicos" (Kurrild-Klitgaard, 2003, p. 49), de modo que o grupo foi "o ambiente em que Schutz inicialmente formou as suas ideias, e o fórum em que ele primeiro as testou" (Kurrild-Klitgaard, 2003, p. 50). A elaboração de seus principais escritos – e, em especial do livro *A construção significativa do mundo social* (Schutz, 2018) – ocorreu em diálogo constante com os membros dos grupos de Viena, com quem dividia relevantes

preocupações metodológicas e compartilhava parte significativa das bases e dos problemas teóricos (Beddeleem, 2020; Kurrild-Klitgaard, 2003; Prendergast, 1986) e que, após a publicação, tornaram-se alguns dos principais responsáveis pela recepção e divulgação do trabalho (Prendergast, 1986; Wagner, 1983). A maior evidência deste diálogo pode ser vista nas aulas que Schutz ministrou no *Privatseminar* entre 1928 e 1930, duas delas publicadas em inglês sob os títulos *Towards a viable sociology* (Schutz, 1996) e *Understanding and acting in political economy and other social sciences* (Schutz, 1996), em que o autor apresentou ao grupo diversos pontos que apareceriam em seu livro, publicado poucos anos depois.

Especificamente, como aponta Prendergast (1986), os problemas referentes à unificação das ciências sociais por meio de teorias focadas na interpretação da ação humana, à praticidade da vida cotidiana, à construção metodológica de uma Sociologia pautada em uma pretensa "neutralidade axiológica" e à leitura crítica dos conceitos de Max Weber foram "nutridos pelos debates epistemológicos de dentro da escola Austríaca" (Prendergast, 1986, p. 15) que emergiram nos encontros do *Privatseminar*. Nas palavras de Kurrild-Klitgaard, Schutz "participou do Seminário não apenas nos anos nos quais ele formou as fundações de sua fenomenologia, mas ainda antes disso. Este grupo de colegas o forneceu um fórum de pares interessados nos mesmos problemas, (...) para formular, desenvolver e apresentar suas ideias" (Kurrild-Klitgaard 2003, p. 62). Distante dos principais círculos do debate da Teoria Sociológica do período, foi a escola austríaca de economia,

5 Independente da corrente, parece um consenso de que a análise do sociólogo Christopher Prendergast (1986) teria sido a pioneira em apontar os pontos de conexão não apenas pessoais, mas principalmente intelectuais e teóricos, entre Schutz e a Escola Austríaca de Economia.

portanto, que trouxe Schutz para o debate entre "ação" e "estrutura".

A essas pistas somam-se alguns outros fatores que indicam uma influência recíproca – e, até mesmo, certo grau de complementariedade – entre a Sociologia compreensiva de Schutz e às teorias de Mises e Hayek. Como será explorado em maiores detalhes adiante, por um lado, a principal obra de Schutz – *A construção significativa do mundo social* (2018) – apresenta um diálogo direto com os escritos de Mises, em que são evidenciadas as bases compartilhadas entre os autores. Por outro lado, uma das obras de maior fôlego de Mises, *A ação humana: um tratado de economia* (Mises, 2010), parte explicitamente de algumas bases propostas por Schutz, com referências diretas e indiretas. Além disso, ainda que as referências textuais diretas sejam mais esparsas, os trabalhos de Hayek sobre os temas do individualismo, das interações humanas e da distribuição do conhecimento revelam influências relevantes do pensamento de Schutz (Augier, 1999; Gane, 2014).

Por fim, antes de adentrar no emaranhado teórico propriamente dito, cumpre destacar que os registros levantados indicam, também, que Schutz compartilhava diversas visões econômicas e políticas com seus pares. Em relação à economia, ainda que não seja possível adentrar em todos os desdobramentos das análises de Schutz sobre o tema, cumpre notar que ele ressaltou que considerava Mises um "pensador consistente em termos de liberalismo, que não fez concessões" (*in* Greaves, 2011), assim como teceu diversos comentários elogiosos (Schutz, 1996) aos textos *Problemas epistemológicos da economia*, de Mises (2003), e *Economia e Conhecimento*, de Hayek (2015) – dois textos que defendem amplamente a

supremacia radical das economias de livre mercado e tornaram-se bases, em diversos contextos nacionais, para a implementação de políticas que resultaram no incremento da concentração de renda, o desmonte de direitos sociais e a piora das condições de vida da população (Dardot e Laval, 2016). Em sentido semelhante, as comunicações analisadas por Kurrild-Klitgaard indicam que "Schutz parece ter gostado do controverso livro de Hayek *O caminho para a servidão* (1944), [de modo que] usou o livro como presente para o economista Adolph Lowe, que não gostava da Escola Austríaca" (Kurrild-Klitgaard, 2003, p. 61), assim como que "em algum ponto, [ele] até mesmo considerou escrever um grande ensaio analisando algumas das críticas direcionadas ao livro" (Kurrild-Klitgaard, 2003, p. 61).

Um problema de teoria social: A unificação das ciências sociais e a questão da neutralidade em Schutz e Mises

A partir das relações pessoais e do compartilhamento de círculos intelectuais entre Schutz, Mises e Hayek, pode-se compreender, também, as influências mútuas nas obras dos três autores – e, sobretudo, o papel decisivo das bases propostas por Mises para a teoria social de Schutz.

Apesar de o foco central dos escritos da escola austríaca ser relacionado à teoria econômica, Mises – e, posteriormente, Hayek – apresentava um escopo teórico muito mais amplo para as suas investigações. Nas palavras de Mises, os objetivos de sua obra consistiam em elaborar uma "teoria geral da escolha humana", que seria, em sua visão, a única forma possível de fazer ciência social e dentro da qual

os "problemas econômicos ou catalácticos esta[riam] embutidos" (Mises, 2010, p. 23). Tratava-se, portanto, de partir de uma visão específica da ação humana – expressamente baseada na economia de mercado (Mises, 2003) – e expandi-la como base para pensar toda e qualquer questão relativa às ciências sociais, uma vez que, para o autor, assim seria possível "estabelecer a legitimidade lógica" de tais ciência e, com isso, fornecer "leis de validade universal" (Mises, 2003). Nas palavras de Schutz, a visão de Mises era de que "Economia Política teórica e Sociologia, desenvolvidas em diversas gerações de pesquisa, não [teriam] outra finalidade se não ser ciências apriorísticas da ação humana" (Schutz, 1996, p. 88).

Os autores da escola austríaca, portanto, tinham como centro de seu pensamento uma ontologia social específica que compreende a sociedade como uma série de ações coordenadas por sistemas de escolhas individuais, em que os sujeitos buscam os melhores caminhos para seus interesses (Dardot e Laval, 2016). Por essa razão, como Hayek definira em seu discurso de abertura da Sociedade *Mont Pelerin*, o neoliberalismo nascente defendido pela escola em que pertencia era sobretudo uma filosofia social e política, antes de uma teoria econômica propriamente dita (Mirowski e Plehwe, 2009).

Schutz (1996, 2018) compartilhava explicitamente estas preocupações e tomou como base, entre outras referências, estas discussões misesianas para elaborar o problema de pesquisa que norteou a elaboração de *A Construção significativa do mundo social* (Schutz, 2018; Walsh, 1997). Os objetivos declarados pelo autor desde a introdução de seu único livro publicado em vida (Schutz, 2018) indicam a inspiração trazida pelo contexto intelectual em que se encontrava e pelas

discussões interdisciplinares dos circuitos de Viena. Na obra, Schutz apresenta uma extensa construção teórica e metodológica, com a finalidade explícita de elaborar, com apoio nas teorias da interpretação das ações individuais, uma base comum e pretensamente "neutra" e "científica" para todas as ciências sociais – que abarcariam, em suas palavras, não apenas a Sociologia, mas "tanto a teoria econômica e a ciência jurídica como também a história de um indivíduo" (Schutz, 2018, p. 375).

Este objetivo de unificação, como apresentado por Schutz (1996) em sua aula ministrada no *Privatseminar* durante o processo de escrita do livro, tinha como pano de fundo, precisamente, contribuir com as discussões dos economistas de Viena sobre as formas de pensar o social como uma série de ações dotadas de sentido e, a partir de tais bases, tomar a economia política como uma ciência social "de sentido objetivo" (Schutz, 1996, p. 86) capaz de, em suas palavras, formular "leis de validade universal". A discussão proposta por Schutz, assim, enquadrava-se no que Mises via como a "verdadeira questão" para as ciências sociais e para a economia: "definir os fundamentos epistemológicos da ciência da ação humana e sua legitimação lógica" (2010, p. 24).

Por conta deste objetivo explicitamente partilhado com Mises e seus outros alunos, Schutz tomou como ponto de partida para seu livro, precisamente, o debate que seu professor havia proposto com a sociologia compreensiva de Max Weber (Walsh, 1997; Schutz, 1996, 2018). Para Schutz, as proposições weberianas teriam, em suas palavras, "determinado o ponto de partida de toda a teoria das ciências sociais que se pretenda autêntica" (Schutz, 2018, p. 19), mas não teriam alcançado o "nível de

profundidade a partir do qual muitas tarefas importantes, resultantes do método das ciências humanas, podem ser resolvidas" (Schutz, 2018, p. 19). Como mostra Walsh (1997), Schutz considerava justificada a "crítica polêmica e aguda" (p. xvii) de seu professor a Weber, de modo que a considerava um ponto de partida para reflexões mais aprofundadas sobre as proposições do autor alemão.

A discussão que Schutz propõe, de fato, insere-se na leitura vienense do debate entre "ação" e "estrutura", ou, nas palavras do autor: "a relação do indivíduo com todo social" (Schutz, 2018, p. 21) e a "grande discórdia sobre o método e o propósito" (Schutz, 2018, p. 21) de investigar tal relação. A obra de Weber, na leitura proposta pelo autor, traria duas grandes contribuições para este debate – conectadas entre si e diretamente relacionadas aos objetivos de Schutz e de seus pares. Em primeiro, Weber teria sido pioneiro ao "defender a neutralidade axiológica das ciências sociais e a se posicionar contra ideologias políticas e baseadas em valores as quais com tamanha facilidade influenciam, consciente ou inconscientemente, os resultados da atividade intelectual do cientista social" (Schutz, 2018, p. 23)

Desse modo, as contribuições do autor alemão seriam importantes para o pretenso objetivo de "apreender, livre de prejuízos esse mundo mesmo dos fatos sociais, ordená-lo em íntegro exercício conceitual lógico e trabalhar o material assim obtido com os meios da análise exata" (Schutz, 2018, p. 22), o que constituiria, em suas palavras, "a tarefa mais distinta de toda abordagem do mundo social que reivindique para si o título de cientificidade" (Schutz, 2018, p. 22).

A segunda grande contribuição de Weber, para Schutz, seria a centralidade

dada às investigações sobre a ação humana – especificamente, sobre o "comportamento de indivíduos" (Schutz, 2018, p. 24) – e aos sentidos dados pelos agentes a seus atos como os objetos por excelência das ciências sociais. Nas palavras do autor austríaco:

Importante para nós é que Weber reduz todas as espécies de relação e formação sociais, todas as objetivações culturais e regiões de espírito objetivo, ao elemento factual originário do comportamento social dos indivíduos. Todos os complexos fenômenos do mundo social conservam, a saber, sentido particular, mas este é o mesmo sentido que os agentes no mundo social relacionam com suas ações. Somente o agir do indivíduo e seu conteúdo visado de sentido são compreensíveis, e apenas na interpretação do agir individual a ciência social obtém acesso à interpretação daquelas formações e relações sociais, que se constitui no agir de cada um no mundo social (Schutz, 2018, p. 24).

No entanto, apesar de reconhecer a grandiosidade da sociologia de Weber, o autor concorda com parte das críticas tecidas por Mises, de modo que, em linha com seu professor, considera que "também ela se baseia em uma série de ideias tacitamente pressupostas cuja explicação continua a se mostrar um postulado imperativo" (Schutz, 2018, p. 25). Por isso, Schutz sugere uma postura de individualismo ontológico e metodológico ainda mais radical para a compreensão do mundo social, uma vez que, para ele, "apenas uma análise radical dos elementos autênticos e originários do agir social garante uma fundamentação segura para o desenvolvimento da pesquisa social" (Schutz, 2018, p. 25).

Como mostra Walsh (1997), para tentar superar as ambivalências que via em Weber, Schutz (2018) recorre a elementos da fenomenologia de Edmund Husserl para sustentar que, como cada indivíduo vivencia e interpreta o mundo cotidiano como algo dotado de significados e também dá significado as suas ações, a tarefa das ciências sociais

seria, precisamente, inquirir e investigar esta "obviedade" por meio da qual o mundo se apresenta aos autores e que estes utilizam para orientar suas condutas. Assim, "justamente aquele mundo social da vida diária, cujas representações são apropriadas do curso do fenômeno social, deverá, por seu lado, tornar-se objeto científico pela sociologia" (Schutz, 2018, p. 28). De acordo com a proposta de Schutz, em outras palavras, o cientista social deve considerar que o mundo social, enquanto objeto, é um mundo já construído e constituído pelos diversos agentes em suas operações de interpretação e significação do agir, de modo que toda ciência do sentido do mundo social deve ter "como referência os atos significativos próprios ao viver no mundo social, a nossa experiência cotidiana referente a outros indivíduos, a nossa compreensão do sentido dado e a nossa posição de novo comportamento" (Schutz, 2018, p. 28).

A partir da compreensão de como Schutz mobilizou estas bases teóricas, evidenciam-se, os primeiros pontos de contato entre sua obra de e as preocupações compartilhadas pelos economistas da Escola Austríaca e pelos demais membros do círculo intelectual vienense. A leitura específica que Schutz propõe das contribuições weberianas e aos *insights* fenomenológicos de Husserl deve ser compreendida, assim, dentro das discussões epistemológicas propostas por Mises e seus alunos (Prendergast, 1986; Walsh, 1997)⁶. Como mostra Prendergast (1986), a forma pela qual Schutz aborda os dois problemas metodológicos citados – ou seja, as questões da neutralidade científica e da unificação das ciências sociais

em torno de uma análise da ação individual e seus significados – tinha como objetivo, precisamente, preservar os elementos centrais da ontologia social e da tradição econômica da escola austríaca, fornecendo novas bases para tentar corrigir algumas de suas evidentes deficiências teóricas.

De fato, a visão ontológica da sociedade a partir das ações individuais e a busca por uma ciência social pretensamente neutra e livre de "ideologias políticas" (Schutz, 2018, p. 24) são das marcas centrais dos economistas austríacos, que defendem de maneira constante e efusiva sua teoria econômica e suas bases como "universalmente válidas" (Mises, 2010, p. 47), supra-históricas e supostamente "inteiramente neutras" (Mises, 2010, p. 47)⁷. De fato, para Mises – evidenciando o diálogo com a proposta metodológica schutziana –, a "ação humana e a cooperação social" deveriam ser vistas como "objetos de uma ciência que estuda relações existentes e não mais como uma disciplina normativa de coisas que deveriam ser" (Mises, 2010, p. 10). Por essa razão, Mises ressalta, também em consonância com a leitura de Schutz, que a "praxiologia"⁸, ou seja, o estudo sobre a ação humana – da qual a "ciência econômica" se desdobraria – seria "uma ciência teórica e, como tal, se abst[eria] de qualquer julgamento de valor" (Mises, 2010, p. 30). O contato entre as preocupações dos autores, contudo, fica ainda mais evidente na seguinte passagem:

Ao mesmo tempo, é neste subjetivismo que se assenta a objetividade da nossa ciência. Por ser subjetivista e considerar os julgamentos de valor do agente homem como dados irredutíveis (...), coloca-se acima de disputas de partidos e facções, é

6 Neste ponto, cumpre notar, que toda a leitura proposta por Schutz (2018) de Husserl e Weber parte de uma apropriação parcial de suas teorias, que tem como base a crítica feita por Mises (2010). Por essa razão, o argumento apresentado aqui não pretende aproximar as obras de Weber e Husserl, em sua totalidade, das visões da escola austríaca neoliberal da economia. Busca-se apenas apresentar como a apreensão schutziana dos conceitos dos autores encontrava-se dentro de uma discussão proposta por esta escola.

7 Como marca recorrente de diversos autores neoliberais, apesar da suposta pretensão de "neutralidade ideológica", as obras de Mises e Hayek são extremamente carregadas de ideologias políticas, de críticas a determinadas correntes políticas, com enfoque na social-democracia e em suas vertentes, e de apoio a medidas político-econômicas específicas de primazia do mercado (Brown, 2019).

8 A palavra, de origem grega e que representa a junção de *praxis* (ação; prática) e *logos* (discurso racional), pode ser grafada tanto como "praxeologia" (como aparece em Mises, 2010) quanto como "praxiologia". Como mostra Peters, a praxiologia como "uma ontologia que identifica as 'práticas' como *locus* fundamental da existência do mundo social, ontologia da qual deriva uma série de diretrizes metodológicas para o estudo empírico desse mundo" (Peters, 2011, p. 168) ganhou força significativa nas ciências humanas

indiferente aos conflitos de todas as escolas de dogmatismo ou doutrinas éticas, é livre de valorações e de ideias ou julgamentos preconcebidos, é universalmente válida (Mises, 2010, p. 46-47).

O trecho, além de apresentar o contato em relação a pretensão de neutralidade científica, retoma a convergência central entre as proposições dos autores. Na visão de ambos, essa ciência social livre de julgamentos de valor e unificada somente poderia ser feita por meio deste individualismo metodológico radical: o estudo da ação humana e dos sentidos – subjetivos e objetivos – imprimidos por seus atores e compreendidos pelos demais (Mises, 2010; Schutz, 1996; 2018). Nada mais poderia (nem deveria) ser compreendido por um cientista social ou por um economista.

A ação humana entre Schutz e Mises

A partir dessas bases e discussões compartilhadas, portanto, Schutz (2012, 2018) e Mises (2010) desenvolveram as suas teorias sociais focadas no estudo da "ação humana" como elemento básico da sociedade. Por isso, o objetivo deste tópico é explorar alguns dos principais pontos de aproximação das *praxiologias* propostas por ambos os autores, que, por um lado, seguem caminhos distintos e demonstram diferentes níveis de densidade teórica, mas, por outro, apresentam um relevante grau de complementariedade e convergem em alguns aspectos centrais.

Ao retomar as críticas de Mises a Weber, Schutz (1996) marca alguns de seus principais pontos de distanciamento de seu professor.

Para Schutz, o estudo das ações humanas e dos sentidos empregados deveriam estender-se a uma miríade de ações que contemplam outras formas de ação que não apenas a econômica. Sua obra, assim, apresenta um caráter menos explícito de defesa de medidas político-econômicas específicas derivadas da teoria da ação⁹. Além disso, Schutz mostra-se mais receptivo a algumas proposições de Weber, e adiciona os referenciais teóricos de Husserl, o que confere uma densidade teórica maior para seu trabalho, em contraposição ao trabalho teoricamente raso de seu professor¹⁰.

No entanto, tais diferenças não diminuem o alto grau de complementariedade verificado entre as proposições dos dois autores. A sociologia praxiológica de Schutz (2012, 2018) parte da ideia de que cada indivíduo vivenciaria e interpretaria o "mundo da vida" (Schutz, 1979, p. 72) como algo dotado de significado e, ao agir neste mundo, também daria significado às suas ações. Em linha com a sua proposta de individualismo metodológico radical, Schutz sustenta que "todas as espécies de relação e formação sociais" (Schutz, 2018, p. 31) existentes seriam processos de formação de sentido "reduzíveis a processos realizados por agentes" (Schutz, 2018, p. 31) no mundo da vida, especificamente, aos "processos de interpretação do comportamento *alheio* e de doações de sentido de comportamento *próprio*" (Schutz, 2018, p. 31, grifos no original). Essas bases são bastante próximas à formulação de Mises, para quem "as ações específicas do indivíduo que constituem o coletivo" (Mises,

9 Ao lado disso, cumpre ressaltar que obra de Mises assume um caráter muito mais explícito de denúncia contra os pretensos perigos do "socialismo" e da "social-democracia". Schutz, por sua vez, não assume explicitamente o mesmo projeto em seus escritos teóricos, apesar de, em algumas publicações, ter formulado comentários elogiosos à crítica extremamente superficial e com tons conspiratórios de Mises ao marxismo e suas vertentes (Schutz, 1996).

10 O texto de Mises se baseia, de forma constante, em falácias, afirmações genéricas e alarmistas, assim como em ideias que supostamente se mostrariam como "autoevidentes". Apenas como exemplos, Mises defende, sem apresentar nenhuma base ou argumento, que "as nações civilizadas da Europa e da América foram durante muito tempo controladas por governos que não prejudicavam significativamente o funcionamento da economia de mercado. Hoje, esses países também estão dominados por partidos que são hostis ao capitalismo e que acreditam que todo dano causado aos capitalistas e empresários é extremamente benéfico para o povo" (Mises, 2010, p. 45); ou que "Os homens terão de escolher entre economia de mercado e socialismo. Não poderão fugir à escolha entre essas alternativas adotando uma posição "intermediária", qualquer que seja a denominação que lhe queiram dar" (Mises, 2010, p. 971). Somam-se a estas passagens abertamente racistas e de defesa do genocídio colonial e, por consequência, da escravidão em que este empreendimento era baseado, como: "não se pode imputar às potências europeias a pobreza existente nas suas antigas colônias. Ao investir capital, os estrangeiros fizeram o que lhes era possível para melhorar o bem-estar material. Não é culpa da raça branca o fato de que os povos orientais sejam relutantes em abandonar seus mitos tradicionais e rejeitem o capitalismo por ser uma ideologia alienígena" (Mises, 2010, p. 944).

2010, p. 71), de modo que a questão sobre as formações sociais só poderia "ser respondida pela compreensão do significado que cada um atribuí a sua existência" (Mises, 2010, p. 71) – significado este que deve pressupor, também, a "validade intersubjetiva" (Mises, 2010, p. 49) das interpretações dos outros¹¹.

Para Schutz (2012, 2018), o "mundo da vida cotidiana" deve ser compreendido, precisamente, o mundo que vivenciamos como realidade – ou, "obviedade" – na nossa "atitude natural". Ou seja, trata-se do mundo intersubjetivo que já existia antes do nascimento de cada indivíduo e, portanto, já havia sido interpretado pelos antecessores como organizado e dotado de sentido (Schutz, 2012, p. 84). É dentro deste mundo e sobre ele, para Schutz (2012), que os indivíduos agiriam de maneira eminentemente prática, ou seja, por meio de motivos pragmáticos que regem as "atitudes naturais" de cada um em relação a esse mundo e aos outros agentes. Para Mises, em passagem elogiada por Schutz (1996), esta obviedade que orienta as ações surgiria de um reconhecimento que todos teriam "por conta própria, como têm de verdades lógicas e matemáticas" (Mises, 2003)

Desse modo, na vida diária, os atores encontrar-se-iam constantemente em "situações biograficamente determinadas" (Schutz, 2012, p. 85), ou seja, em situações marcadas por uma história, baseada na sedimentação das experiências prévias do indivíduo e nos conhecimentos para ele transmitidos. Em tais situações, cada pessoa mobilizaria o seu "estoque de conhecimento", que funcionaria como um "esquema interpretativo" e permitiria a cada um de nós "pensar como de costume" e, ao lado disso, também "agir como de costume" nas diferentes

situações (Schutz, 2012, p. 92). A construção, aqui, é de uma figura bastante semelhante à do *homo agens* de Mises (2010), responsável e responsabilizável pela escolha constante do seu curso de ações por meio do estabelecimento de "sistemas fins-meio", ainda que não apenas em escolhas econômicas, mas também em suas atitudes costumeiras.

A partir disso, Schutz aprofunda-se em um tema menos explorado por Mises – mas, que, posteriormente, apareceria nos escritos de Hayek (2015). Para ele, os "estoques de conhecimento" de cada um – apesar de seu caráter variável diante das experiências singulares – teriam como base, precisamente, os sistemas interpretados e transmitidos pelos antepassados, que fariam os diversos elementos do mundo da vida cotidiana aparecerem para os indivíduos como naturais; ou seja, como pressupostos, "acima de qualquer questionamento" (Schutz, 2012, p. 92). Essa transmissão teria como cerne a definição de "zonas de relevância" e de "esquemas de tipificação" dos objetos e das situações da vida social, que, ao serem padronizados e institucionalizados pelos "vários meios de controle social (costumes, moral, leis, regras, rituais)" (Schutz, 2012, p. 135), aumentariam as chances de sucesso de uma interação humana e dos envolvidos atingirem seus interesses. Para interpretar e orientar as suas ações, assim, os indivíduos aceitariam os "esquemas estandardizados dos padrões culturais que lhes são transmitidos inteiramente pronto por seus ancestrais, professores e autoridades, como um guia *não questionado e inquestionável* para todas as situações que normalmente ocorrem na vida social" (Schutz, 2012, p. 93, grifos nossos).

11 Nessa passagem, cumpre notar, Mises (2010, p. 49) cita diretamente *A construção significativa do mundo social* de Schutz (2018).

Dessas padronizações e institucionalizações transmissíveis e transmitidas como "estoque de conhecimento" emergiriam, portanto, o que Schutz define como as formações de "sentido objetivo", que permitiriam analisar não apenas as ações de cada pessoa, de maneira singular, e seus sentidos empregados (ou seja, os "sentidos subjetivos"), mas, principalmente, compreender as ações de indivíduos tomados de forma anônima, ou seja, a agência de "qualquer um" em determinadas condições.

Da praxiologia ao sentido objetivo: a teoria social e econômica

Ao tratar destas formações de sentido objetivo e das relações deste sentido com as ciências sociais, Schutz aprofunda-se no estudo das ações com algumas distinções das proposições de Mises. Contudo, ele realiza este caminho para, como explicitamente assumido nas seções finais de *A construção significativa do mundo social* (2018), usar suas contribuições para complementar a teoria praxiológica social e econômica misesiana. Schutz retoma, assim, o diálogo com seu professor, quem considera "o mais importante defensor do caráter teórico da ciência econômica" (Schutz, 2018, p. 376), com o objetivo de demonstrar como a sociologia compreensiva em sua formulação daria bases para tratar os princípios econômicos defendidos pela escola austríaca – em especial, o "princípio econômico", a "lei da utilidade marginal" e as "leis fundamentais da formação dos termos de troca", entre outros – como construções típico-ideias de "validade universal" (Schutz, 1996, 2018).

Baseando-se no princípio austríaco de que a "economia moderna parte do comportamento não do negociante, mas do

consumidor, de qualquer um" (Schutz, 2018, p. 379), Schutz defende que os princípios econômicos seriam formados, precisamente, em formalizações e generalizações de sentido objetivo, de modo que, por serem "assertivas sobre o agir (comportamento) de um impessoal" (Schutz, 2018, p. 378) adquiririam o grau de generalidade e objetividade defendido por Mises (2003, 2010). Essa objetividade, sustenta Schutz (2018), "não é outra senão a de que trataram as nossas exposições sobre os contextos de sentido objetivo e subjetivo" (p. 379).

Por isso, para o autor, "o *factum* da teoria econômica é ele mesmo um exemplo-modelo de um contexto objetivo de sentido composto por contextos subjetivos de sentido" (Schutz, 2018, p. 379), de modo que, enfim, "o que caracteriza a objetividade do conhecimento produzido pela teoria econômica a rigor não é outra coisa senão a inserção de contextos subjetivos de sentido no contexto objetivo de sentido da ciência" (Schutz, 2018, p. 380). Trazendo para termos mais concretos, Schutz retoma a "lei da utilidade marginal", que seria, em suas palavras "o princípio regulador que ensina a desenvolver corretamente a formação de tipos de acordo com as leis da possibilidade e da compossibilidade" (Schutz, 1996, p. 102). Essa lei seria válida pelo "fato de que a harmonia baseada nessa assunção básica [teria] uma chance extraordinariamente alta de assegurar a compreensão e o controle da vida econômica" (Schutz, 1996, p. 105).

Neste diálogo com a obra misesiana, portanto, Schutz (2018) não apenas compartilha as preocupações teóricas e as bases ontológicas, mas também assume explicitamente o objetivo de sustentar os modelos econômicos austríacos – e, mais ainda, apresenta contribuição significativa para tomar

a suposta "objetividade" do funcionamento do mercado como um processo subjetivo, ao qual todos precisariam adequar-se e conduzir as suas condutas de acordo com as regras pretensamente "objetivas" e "inquestionáveis".

O individualismo metodológico e a racionalidade neoliberal: o "homem empresarial" e o esgotamento do social

A partir da discussão teórica sobre Schutz e Mises, é possível retornar à questão sobre o individualismo metodológico na teoria social contemporânea, sobretudo em sua relação com as visões de mundo oriundas da lógica de mercado que compõem a chamada "racionalidade neoliberal" (Dardot e Laval, 2016; Foucault, 2010).

Em *O nascimento da biopolítica* (2010), curso ministrado em 1979, Foucault propõe uma leitura específica deste fenômeno que ele via constituir-se e ganhar força. Ele sugere compreender o neoliberalismo não como uma corrente de pensamento econômico ou como um conjunto de políticas macroeconômicas, mas como uma "racionalidade". Ou seja, como um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que formam uma espécie de sistema normativo e, assim, tendem a estruturar e organizar as condutas tanto de governantes quanto de governados a partir de duas bases fundamentais: a generalização da concorrência e da competição como normas de conduta individual e social; e da forma empresa como modelo de subjetivação (Dardot e Laval, 2016; Foucault, 2010). Trata-se, portanto, de

uma tendência de espraiamento da lógica econômica para todas as esferas da vida e para os próprios sujeitos.

Desse modo, Foucault (2010) aponta para a emergência de nova forma de governamentalidade – compreendida, nos termos do autor, como a forma de direção das condutas tanto de si quanto dos outros – que tende a estruturar as ações individuais e as decisões políticas mais amplas a partir dos princípios econômicos e da lógica do funcionamento dos mercados. Na sociedade contemporânea, assim, os indivíduos seriam instados a se comportar, em todas as esferas da vida social, como agentes econômicos igualmente livres que deveriam analisar as diferentes situações a partir de seus conhecimentos e escolher os cursos de ação adequados a seus interesses. Individualismo, competição por recursos e autorresponsabilização aparecerem, portanto, como marcas centrais desta racionalidade.

Ao propor esta leitura específica do neoliberalismo, a pesquisa foucaultiana apresenta, também, uma outra contribuição notável. Ela investiga as bases intelectuais que deram suporte a esta racionalidade, analisando as principais correntes de pensamento – sobretudo na teoria econômica, mas que tinham pretensões de estender suas análises a todos os campos da vida social (Mises, 2010; Dardot e Laval, 2016) – que, em reação as medidas de intervenção a tudo aquilo que podia ser considerado "coletivismo"¹², propuseram algumas das visões de mundo, política e economia que influenciaram este modo de vida contemporâneo. A investigação dos pilares

12 A primeira característica que aproxima as ideias das distintas correntes neoliberais – presentes, amplamente, na perspectiva austriaca (Hayek, 2010; Mises, 2010) – aparece na rejeição feroz a tudo aquilo que seus defensores consideravam como "coletivismo" político ou econômico. Este termo representa uma concepção suficientemente ampla para aglutinar, entre outros, o nazifascismo, o comunismo, o keynesianismo e a social-democracia (Dardot e Laval, 2016). A ideia, em linhas gerais, ao aglutinar sob uma suposta mesma bandeira as políticas de garantias de direitos sociais básicos e as políticas de genocídio e terror de Estado, era de afirmar a falácia de que todas essas formas de conduzir política e economicamente a sociedade representariam uma tirania do Estado sobre as ações humanas e, portanto, e o fim das chamadas "liberdades individuais" – compreendidas, para os autores, como as liberdades de participar igual e livremente nos mercados.

intelectuais, como sustenta Laval (2020), faz parte da estratégia de análise genealógica da obra de Foucault (2010), tradicionalmente preocupada com as relações entre "saber" e "poder". O autor investiga, portanto, "sobre qual base, a partir de quais fontes, a propósito de quais circunstâncias as formas mais contemporâneas de poder foram historicamente constituídas" (Laval, 2020, p. 86)¹³. A escola austríaca de economia aparece, portanto, como uma das bases centrais desta construção¹⁴.

Dentre as contribuições da escola austríaca para a construção desta racionalidade, encontra-se a proposta de "refundar o liberalismo" econômico a partir de uma ontologia social específica, que daria bases para o reconhecimento de que a ordem dos mercados não seria um dado "natural", como supunha a tradição liberal de Adam Smith, mas sim algo construído por meio do encadeamento de ações individuais¹⁵. Nas palavras de Jacques Reuff, economista francês influenciado pela escola austríaca, seria do aparente "caos das trajetórias individuais [que nasceria] essa ordem coletiva traduzida pelo quase equilíbrio que os fatos revelam" (*in* Dardot e Laval, 2016, p. 77).

Deste pretensão reconhecimento da construção da ordem de mercado pelas ações e interações humanas decorre, também, a ideia de que esta ordem – que, para estes economistas, cada um perceberia de maneira corriqueira na vida diária (Hayek, 2015) – precisaria ser, também, ativamente construída e protegida por um arcabouço jurídico e por outros meios de controle social, como as regras morais, os

costumes e tradições (Dardot e Laval, 2016). Nesse sentido, a crítica de Foucault (2010) é que, ao seguir esta abordagem, os teóricos neoliberais estariam tomando como pré-existente aquela ordem que eles mesmos desejavam construir. Em outras palavras, tomavam, portanto, o "mundo da vida" (Schutz, 2012) capitalista como uma realidade dada, ao mesmo tempo em que advogavam pela constante construção e manutenção das estruturas e instituições – e da transmissão constante dos "estoques de conhecimento" (Hayek, 2015; Schutz, 2012) – que garantiriam a reprodução daquela forma de conceber a sociedade, as interações entre os seres humanos e a economia.

Essas bases, seguindo a argumentação de Dardot e Laval (2016), contribuíram significativamente para a visão neoliberal que toma todo o ser humano como um "homem empresarial". Ou seja, que toma "qualquer sujeito" como uma espécie de empreendedor – o *homo agens*, nos termos de Mises (2010) – que, a partir de seu conhecimento sempre fragmentário, incerto e nebuloso sobre o mundo em que vive, precisa estabelecer "planos individuais de ação", orientados por "sistemas-fins meios", para atingir seus interesses e as suas aspirações, tanto nos mercados quanto fora deles. Essa forma de conceber o mundo, para Dardot e Laval (2016), seria uma das principais bases do sistema normativo de orientação de condutas com base no individualismo extremo e na constante responsabilização individual.

Ainda que Schutz não figure, expressamente, na maior parte das análises

13 Ao delinear esta "história das ideias" do neoliberalismo, Foucault (2010) não pretende sugerir uma espécie de causalidade direta, em que um determinado "plano" teria sido gestado entre intelectuais e simplesmente aplicado na sociedade através da ação política. Como mostram Dardot e Laval, é importante lembrar que "a lógica normativa que acabou se impondo constituiu-se ao longo de batalhas inicialmente incertas e de políticas frequentemente tateantes" (Dardot e Laval, 2016, p. 24), de modo que "a sociedade neoliberal em que vivemos é fruto de um processo histórico que não foi integralmente programado por seus pioneiros; os elementos que a compõem reuniram-se pouco a pouco, interagindo uns com os outros, fortalecendo uns aos outros" (Dardot e Laval, 2016, p. 24).

14 Para Foucault, as bases intelectuais do neoliberalismo poderiam ser encontradas, notadamente, em três escolas de pensamento: no ordoliberalismo alemão, de Eucken, Böhm, Röpke e outros; na escola austríaca de economia, dos colegas de Schutz, Mises, Hayek, Machlup e outros; e na teoria econômica da "Escola de Chicago", de Friedman, Becker e outros. Essas escolas começaram a elaborar as suas principais ideias entre o final dos anos 1920 e os anos 1930, mas alcançaram ampla influência acadêmica e política apenas algumas décadas mais tarde, em especial a partir de 1970 e 1980.

15 Estas ideias têm como uma de suas bases uma noção fundamental da escola austríaca de economia: a chamada "lei" da utilidade marginal, que, para Mises (2010), Hayek (2015), entre outros, teria validade universal e a-histórica, uma vez que seria uma "decorrência lógica" do simples postulado de que todo ser humano age na vida diária. Essa pretensa lei, que se tornou base para diversas correntes de pensamento econômico ortodoxo, toma o capitalismo e a lógica de mercado como formações necessárias a partir das ações humanas – e, como visto, é sustentada por Schutz em *A construção significativa do mundo social* (2018).

sobre esta racionalidade, o estudo proposto neste artigo revela uma influência significativa desta visão de mundo na obra do autor, bem como suas contribuições para a construção desta forma de analisar o mundo e as relações sociais. Ao expandir a visão de Mises, Schutz não apenas contribuiu para justificar teoricamente as proposições de seu professor sobre a economia, mas também ofereceu bases para estender esta "grade de inteligibilidade" (Foucault, 2010) para diversas ações que saiam da esfera do econômico.

Assim, a grande influência da escola austríaca – com a contribuição de Schutz – para a racionalidade neoliberal estaria, portanto, não apenas em sua visão da economia, mas sobretudo na forma desses autores em conceber a relação entre sociedade e indivíduo – ou seja, em seu *subjetivismo radical*. De um lado, o foco constante é construir, tomando-a como suposta realidade, essa figura do *homo agens*, em todos os aspectos da vida. De outro, o reconhecimento da existência de algumas estruturas sociais – como, por exemplo, a ordem do mercado que precisa ser construída e mantida – parte da ideia de que elas se tratam de processos subjetivos, ou seja, de processos "autoeducadores e autodisciplinadores pelos quais os indivíduos aprendem a se conduzir" (Dardot e Laval, 2016, p. 141) em relação aos outros indivíduos. Ao constituir sua teoria sociológica sobre estas bases, Schutz representa um dos exemplos mais notáveis – e com maior influência posterior – desta espécie de "colonização da consciência" (Vanderbergh, 2012) por parte da racionalidade econômica dentro da Sociologia.

Por essa razão, pode-se dizer que a visão de teoria social da escola austríaca concebe todas as questões sociais por um primado da ação individual. Ou seja, o que se percebe é um

individualismo não apenas metodológico, mas também ontológico. Como mostra Brown (2019) esse individualismo ontológico está relacionado ao processo de "esgotamento do social", do qual derivam análises e intervenções políticas que têm como foco apenas os agentes e não as estruturas sociais. Ou seja, que toma os distintos problemas estruturais de nossa sociedade – desigualdade, desemprego, pobreza, violência, entre outros – como questões relacionadas a ações (e falhas) individuais e não como questões sistêmicas mais amplas.

Considerações finais

A partir de toda a discussão apresentada, é possível retomar algumas das questões levantadas no início deste artigo. Em primeiro lugar, cumpre destacar como os elementos de sua obra analisados revelam não apenas o alinhamento teórico de Schutz com a escola austríaca de economia, mas indicam também como o individualismo metodológico do autor pressupõe, também, um individualismo ontológico. Ou seja, não se trata apenas de um primado sociológico-analítico ao campo da ação, mas uma visão de que este é o único fundamento de toda vida social. Como visto, é explícito o compromisso de Schutz em elaborar uma teoria social no qual tudo pode ser explicado ao nível do indivíduo: pelas ações individuais e pelos sentidos conferidos por eles. Tudo que saísse disso, para o autor, seriam "ideologias políticas e baseadas em valores" (Schutz, 2018, p. 23).

No entanto, deste individualismo ontológico não decorre a ideia de que Schutz nega a existência de qualquer tipo de estrutura social. Em realidade, um ponto de contato relevante entre o autor e seus

pares economistas de Viena é precisamente a forma como todos abordam a relação entre ação e estrutura. Schutz defende, em linha com a escola que o inspirou, uma suposta objetividade das estruturas sociais que adviria de seu caráter "subjetivo", toma, por isso as estruturas existentes, como "inquestionáveis" e "inquestionadas" – não apenas para os atores na vida cotidiana, mas, sobretudo, para os cientistas sociais.

Assim como em Mises, contudo, o principal ponto cego dessa construção é que o autor em momento algum procura abrir espaço para a compreensão de como são formados e transmitidos os "estoques de conhecimento" e as "zonas de relevância" que dão bases à orientação das ações e às formações de sentido objetivo, de modo que deixa de questionar quais são – e, ao contrário, reforçam – as estruturas, as desigualdades e as relações de poder que estas formações mantêm e reproduzem. Assim, a recorrente referência à pretensão de neutralidade da Teoria Social esconde, precisamente, uma forte carga ideológica presente na visão dos autores. Com isso, ao defender a padronização das formas de construção de sentido e ignorar a discussão sobre os possíveis constrangimentos e disputas em sua gênese e transmissão, o que se vê é como Schutz toma como necessária – ainda que, frise-se, não como natural – a desigual e violenta ordem social existente.

Toda a análise indica, portanto, que o individualismo metodológico e ontológico de Schutz compartilha bases significativas com a visão de sociedade do neoliberalismo austríaco. Este reconhecimento precisa ser levado em consideração ao abordar a influência que o autor teve na teoria sociológica como um todo. A relação apresentada, assim, parece dar

substância a críticas como as de Vandenberghe (2012), Bourdieu (2015), Dardot e Laval (2016), que aproximam a prevalência do individualismo metodológico – influenciado diretamente por Schutz – nas ciências sociais com a emergência do predomínio generalizado das visões de mundo ligadas à economia de mercado, que se espraiaram sobre as diversas esferas da vida, da sociedade e do conhecimento.

Este reconhecimento, contudo, não deve levar a um simples abandono de todas as contribuições do autor para a Sociologia. Exatamente por vivermos em uma sociedade marcada pela disseminação da racionalidade neoliberal, a leitura de Schutz sobre a ação humana pode ser um mapa relevante para a compreensão de como diversas pessoas são instadas a agir para tentarem encaixar-se dentro desta sociedade de competição e responsabilização constante. As contribuições do autor sobre como pessoas agem diante das distintas situações e como mobilizam os conhecimentos transmitidos para orientar seu curso de ação podem ser ferramentas de análise da posição do indivíduo na sociedade contemporânea.

Levando-se em consideração as críticas e desconsiderando as proposições de que as ciências sociais não poderiam questionar as estruturas formadas pelo sentido empregado pelos agentes, a utilização de conceitos do autor, se somados de algumas noções que ele mesmo rejeitaria sobre relações de poder e fatores externos que condicionam ações individuais, pode trazer contribuições relevantes para análises sociológicas em variados campos de estudo.

Agradecimentos

O autor gostaria de registrar agradecimentos ao Professor Edison Bertonecelo pelas discussões que resultaram na elaboração deste artigo, assim como aos pareceristas da Revista *Ciências Sociais Unisinos* pelas críticas e comentários feitos à versão preliminar do trabalho.

Referências

- ALEXANDER, J. O novo movimento teórico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 1-25, 1978a.
- ALEXANDER, J. *Twenty lectures – Sociological theory since World War II*. Nova York: Columbia University Press, 1978b. 393 p.
- AUGIER, M. Some Notes on Alfred Schutz and the Austrian School of Economics: Review of Alfred Schutz's Collected Papers, Vol. IV. Edited by H.Wagner, G. Psathas and F. Kersten (1996). *Review of Austrian Economics*, Fairfax, v. 11, p. 145-162, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1023/A:1007736326341>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- BEDDELEEM, M. Recoding Liberalism: Philosophy and Sociology of Science against Planning. In: PLEHWE, D. (org.). *Nine Lives of Neoliberalism*. Nova York: Verso, 2020. p. 21-45.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 311 p.
- BOURDIEU, P. *O senso prático*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 472 p.
- BROWN, W. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019. 256 p.
- COLLINS, R. *Interaction ritual chains*. Princeton: Princeton University Press, 2005. 464 p.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016. 413 p.
- ELSTER, J. *Making Sense of Marx*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 556 p.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. Lisboa: Edições 70, 2010. 439 p.
- GANE, N. The Emergence of Neoliberalism: Thinking Through and Beyond Michel Foucault's Lectures on Biopolitics. *Theory, Culture & Society*, [s. l.], v. 31, n. 4, p. 3-27, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0263276413506944>. Acesso em: 01 dez. 2023.
- GARFINKEL, H. *Estudos de etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 2018. 369 p.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991. 156 p.
- GOLDTHORPE, J. *On Sociology: critique and program*. 2. ed. Stanford: Stanford University Press, 2007. v. I. 312 p.
- GREAVES, B. Interview with Alfred Schutz, 20 November 1958. In: BARBER, M. (org.). *Schutzian Research: A Yearbook of Lifeworldly Phenomenology and Qualitative Social Science*. Bucareste: Zeta Books, 2011. v. 3. p. 25-32.
- HABERMAS, J. *Teoria do agir comunicativo vol. 2: sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo: Martins Fontes, 2016. 832 p.
- HAYEK, F. Economia e conhecimento. *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia*, [s. l.], v. 1, n. 5, p. 55-70, 2015.
- HAYEK, F. *O caminho da servidão*. São Paulo: LVM Editora, 2010. 32 p.
- KLEIN, N. *The Shock Doctrine: the rise of disaster capitalism*. Londres: Penguin Books, 2008. 558 p.
- KOPPL, R.; AUGIER, M. Introduction to the Schutz Interview. In: BARBER, M. (ed.). *Schutzian Research: A Yearbook of Lifeworldly Phenomenology and Qualitative Social Science*. Bucareste: Zeta Books, 2011. p. 15-24.
- KURRILD-KILTGAARD, P. The Viennese Connection: Alfred Schutz and the Austrian School. *The Quarterly Journal of Austrian Economics*, Piscataway, v. 6, n. 2, p. 35-67, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12113-003-1018-y>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- LAVAL, C. *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*. São Paulo: Elefante, 2020. 316 p.
- MIROWSKI, P.; PLEHWE, D. *The road from Mont Pèlerin: the making of the neoliberal thought collective*. Cambridge: Harvard University Press, 2009. 469 p.
- MISES, L. *Epistemological Problems of Economics*. 3. ed. Alburn: Ludwig von Mises Institute, 2003. 259 p.

- MISES, L. *Ação humana: um tratado de economia*. 3. ed. São Paulo: Instituto L. Von Mises Brasil, 2010. 1019 p.
- PARSONS, T. *A estrutura da ação social: um estudo de Teoria Social com especial referência a um grupo de autores europeus recentes*. Vol I: Marshall, Pareto, Durkheim. Petrópolis: Vozes, 2010. 592 p.
- PETERS, G. Admirável senso comum? Agência e estrutura na sociologia fenomenológica. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 85-97, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/1046>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- PETERS, G. A virada praxiológica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, v. 123, p. 167-188, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.11308>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- PLEHWE, D. Forging a neoliberal knowledge elite (perspective) and restricted pluralism: The history of the Mont Pèlerin Society networks of intellectuals and think tanks. *The Social Science Research Council*, [s. l.], 2008. Disponível em: <https://www.ssrc.org/publications/forging-a-neoliberal-knowledge-elite-perspective-and-restricted-pluralism-the-history-of-the-mont-pelerin-society-networks-of-intellectuals-and-think-tanks/>. Acesso em: 6 mar. 2023.
- PRENDERGAST, C. Alfred Schutz and the Austrian School of Economics. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 92, n. 1, p. 1-26, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/228461>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- RATTON, J. L. Individualismo metodológico. In: SELL, C. E.; MARTINS, C. B. (ed.). *A teoria sociológica contemporânea: autores e perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 2022. [e-book].
- SANTOS, H. Apresentação da edição brasileira. In: SCHUTZ, A. *A construção significativa do mundo social*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 11-14.
- SCHULZ-FORBERG, H. Embedded Early Neoliberalism: Transnational Origins of the Agenda of Liberalism Reconsidered. In: PLEHWE, D. (ed.). *Nine Lives of Neoliberalism*. Nova York: Verso, 2020. p. 169-198.
- SCHUTZ, A. *Collected papers: volume II – studies in social theory*. Leiden: Martinus Nijhoff: The Hauge, 1976. 300 p.
- SCHUTZ, A. *Collected papers: volume IV*. Berlim: Springer, 1996. 284 p.
- SCHUTZ, A. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2012. 360 p.
- SCHUTZ, A. *A construção significativa do mundo social: uma introdução à sociologia compreensiva*. Petrópolis: Vozes, 2018. 400 p.
- VANDENBERGHE, F. *Uma história filosófica da sociologia alemã*. São Paulo: Annablume, 2012. v. 1. 482 p.
- WAGNER, H. *Alfred Schutz: An Intellectual Biography*. Chicago: Chicago University Press, 1983. 368 p.
- WAGNER, H. Editor's Preface. In: SCHUTZ, A. *Collected papers: volume IV*. Berlim: Springer, 1996. p. 88.
- WALSH, G. Introduction. In: SCHUTZ, A. *The Phenomenology of the Social World*. Evanston: Northwestern University Press, 1997. p. xv-xxix.